



## **Configurações gramaticais das construções adverbiais na conversação**

Ana Lima (UFPE)

**RESUMO:** Fundamentado em pressupostos funcionalistas (HALLIDAY, 1985; DIK, 1989), este trabalho apresenta resultados de pesquisa acerca das construções adverbiais. Pretende-se, aqui, especificamente, apresentar as configurações gramaticais dessas construções e discutir as diferentes funções das configurações no texto conversacional. Para a pesquisa, foram analisadas 1.275 ocorrências, selecionadas após nove horas e cinquenta e dois minutos de escuta de material gravado. As conclusões corroboram o pressuposto funcionalista de que os modos pelos quais o falante combina suas orações não são governados prioritariamente pelo sistema da língua, mas situam-se no campo das escolhas, fazendo parte da “competência comunicativa” do falante.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Conversação; Construções adverbiais; Configurações gramaticais.

### **Introdução**

Este trabalho se insere no tema mais amplo da articulação de orações, sobre o qual há uma razoável quantidade de trabalhos publicados, de diferentes correntes teóricas da Linguística. Em geral, esses trabalhos concordam em que o arcabouço teórico tradicional, de base estruturalista, não tem sido suficiente para explicar os fenômenos do discurso (escrito e oral), nas situações reais de funcionamento da língua.

Assim, contrariamente ao que se fazia no passado, em que o estudo da língua era realizado por níveis (Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica), com pouca ou nenhuma interpenetração entre eles, os estudos linguísticos contemporâneos têm sido favorecidos pelo intercâmbio entre as reflexões dos vários níveis, e, por isso mesmo, as pesquisas em cada um deles têm sido enriquecidas pelo diálogo que aí se instaura.

Como consequência, então, desse momento por que passam os estudos linguísticos, requer-se que o estudo da língua deixe de ser a análise de uma “estrutura” ou de um “sistema autônomo” e venha a centrar-se na investigação do evento comunicativo mesmo, ou da “língua em uso”. E para a concretização de um estudo assim configurado, faz-se necessária a adoção de um quadro teórico do qual façam parte critérios discursivos.

No que se refere especificamente à articulação de orações na constituição dos enunciados complexos, as variadas correntes de orientação funcionalista têm servido de base teórica para

uma grande quantidade de estudos, feitos de uma perspectiva que busca integrar os diversos componentes (morfofossintático, semântico e pragmático).

A partir de uma perspectiva funcional-discursiva<sup>1</sup>, este trabalho pretende apresentar resultados de uma pesquisa que se deteve na investigação das construções de natureza *adverbial*. Neste estudo, a expressão “construções adverbiais” é utilizada, em preferência àquilo que a tradição tem chamado de “orações subordinadas adverbiais”, para fazer referência a trechos do texto conversacional nos quais se evidenciam relações de natureza adverbial, a despeito da ausência de qualquer elemento conectivo formal. Isso se verifica, por exemplo, nas ocorrências (1) e (2), apresentadas abaixo, nas quais podem ser inferidas, respectivamente, relações de causa e de condição.

(1)

Loc - aqui por exemplo... a gente come banana a gente acha banana aqui mais comum laranja né?... lá é fruta-de-conde que aqui agora está bem cara↓... outro dia eu estive tentando comprar uma **eram quinze cruzeiros uma fruta-de-conde eu até desisti**↓... (DID 328/RJ)

(2)

L1 - conseguiram... com o SOro recolhido de uma das pessoas que contraíra a febre e: que ficara boa... debelar... até... certo ponto↓... e isola:ram... o danado do vírus da Febre de Lassa que é um um: um:... um micro-organismo éh:: parecido com a bola de boli/ de: bilhar↓...

L2 - **não FO:ra... a rapidez dos transportes...**

L1 - o que é que tá acontecendo?...

L2 - **esse vírus jamais teria sido isolado**↓... (D2 005/RE)

A grande maioria dos trabalhos publicados sobre as construções adverbiais toma como objeto de análise a língua escrita, sendo bem menos frequentes os estudos que põem em exame essas construções com base em um *corpus* de língua falada, e menos ainda do português falado.

Assim, visando àquele estudo integrado referido acima, a pesquisa aqui empreendida objetivou investigar as configurações gramaticais das construções adverbiais e discutir as diferentes funções dessas configurações, no texto conversacional.

A fim de atingir os objetivos a que se propôs, este estudo fundamentou-se em alguns princípios funcionalistas, adotando como principais pressupostos teóricos os seguintes:

(a) a gramática é “sensível às pressões do uso” (NEVES, 1997). Aceitar esse princípio implica admitir que o falante/escritor organiza gramaticalmente suas expressões linguísticas com base não apenas no conhecimento que ele tem acerca do sistema de sua

<sup>1</sup> As ideias defendidas neste trabalho se assentam, principalmente, na proposta funcionalista de constituição dos enunciados em camadas (DIK, 1989; 1997; DIK et al., 1990; HENGEVELD, 1989); na distinção entre “relações de encaixamento” e “relações táticas de hipotaxe e parataxe”, proposta por Halliday (1985); e nas conclusões de Mathiessen e Thompson (1988), segundo os quais a gramática da combinação de orações adverbiais espelha a organização retórica do discurso (texto), em que podem ser reconhecidos dois tipos de relação: de “listagem” e de “núcleo-satélite”.

língua, mas, principalmente, nos propósitos comunicativos que almeja alcançar na interação. Desse pressuposto decorre que:

(b) a reflexão gramatical não pode deixar de considerar o papel primordial do falante/escritor e do(s) seu(s) interlocutor(es) na organização dos enunciados, valorizando também as condições de produção;

(c) na interação verbal, as expressões linguísticas têm o papel de mediadoras entre a intenção do falante/escritor e a interpretação do(s) interlocutor(es).

## 1. Seleção do corpus e metodologia

Como a pesquisa teve o objetivo de investigar as construções adverbiais na interação verbal, mais especificamente na conversação face a face, optamos por selecionar como material empírico alguns inquéritos do arquivo sonoro do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta – Projeto NURC.

Como se sabe, o acervo do NURC (nas cinco capitais brasileiras em que o Projeto foi instituído: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), é constituído de três tipos de inquéritos:

- diálogo entre informante e documentador (DID), que corresponde a uma espécie de entrevista, em que o informante deve falar sobre um determinado tema proposto pelo documentador, que é orientado a interferir o mínimo possível, cabendo-lhe um papel de "guia";
- diálogo entre dois informantes (D2), em que duas pessoas conversam livremente sobre um tema apresentado pelo documentador;
- elocução formal (EF), que consiste em gravação de aulas, conferências, palestras, etc.

Para compor o *corpus* da pesquisa que fundamentou o presente trabalho, foi selecionado 01 (um) inquérito dos tipos DID e D2 de cada uma das cinco cidades brasileiras abrangidas no Projeto NURC<sup>2</sup>, o que perfaz um total de dez inquéritos, especificados na Tabela 1, abaixo<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> O acesso ao acervo sonoro aqui investigado foi facilitado pelo fato de a autora ser, à época de elaboração da pesquisa, integrante do NURC-RE. Parte do acervo sonoro do PROJETO NURC e as obras com os inquéritos já publicados podem ser encontrados na biblioteca da Unicamp.

<sup>3</sup> As elocuições formais (EFs) não foram selecionadas para integrar o *corpus* porque, apresentando um grau mínimo de envolvimento entre os interlocutores, bem como alto grau de assimetria e de planejamento prévio, foram consideradas pouco representativas do gênero “conversação face a face”.

CIDADE	INQUÉRITOS/TIPOS	
PORTO ALEGRE (POA)	121/DID	291/D2
SÃO PAULO (SP)	234/DID	360/D2
RIO DE JANEIRO (RJ)	328/DID	355/D2
SALVADOR (SSA)	231/DID	98/D2
RECIFE (RE)	216/DID	005/D2

**Tabela 1:** Inquéritos que compõem o corpus da pesquisa.

Apesar de o material selecionado estar inteiramente transcrito (alguns inquéritos tendo sido já publicados), algumas transcrições exigiram uma acurada revisão. Por isso, a fim de assegurar a fidelidade das transcrições em relação ao material sonoro, a primeira fase da análise consistiu na audição de todo o material selecionado, o que representou um total de nove horas e cinquenta e dois minutos de escuta. Em seguida, foram selecionados segmentos nos quais construções adverbiais podiam ser evidenciadas, o que totalizou 1.275 ocorrências.

Conquanto presentes nos inquéritos selecionados, não foram considerados, para a análise, os seguintes casos:

1. estruturas correlatas, que veiculavam relações de consequência, proporcionalidade e comparação, por não constituírem o tipo de relação que este trabalho visava investigar;
2. expressões cristalizadas nas quais constavam conectivos explícitos, a exemplo de “se não me engano”, “pra falar a verdade” etc.;
3. construções adverbiais presentes em segmentos que representavam discurso “reportado”.

Uma vez selecionados, os dados foram submetidos a uma análise qualitativa, buscando-se averiguar, principalmente, as configurações gramaticais das construções adverbiais e seu funcionamento na interação face a face. Dessa maneira, tentamos pôr em análise a dinâmica da conversação, da qual as construções adverbiais participam, sendo uma das estratégias empregadas para a obtenção dos efeitos de sentido pretendidos pelos interlocutores. Análises quantitativas também foram realizadas, mas são pouco relevantes para os objetivos deste trabalho.

Quanto à maneira de apresentarem-se as ocorrências, optamos por seguir, neste estudo, as normas gerais de transcrição adotadas pelo Projeto NURC no Brasil<sup>4</sup>, mantendo-se os mesmos sinais. No entanto, não havendo nas normas do Projeto NURC sinal indicativo da “pausa de final de frase”, que marca a completude de um enunciado (ainda quando não há troca de turnos entre os interlocutores), e sendo esse um dado relevante para a presente análise, um sinal representativo desse tipo de pausa foi criado: uma seta apontando para baixo (↓).

## 2. A organização dos enunciados em camadas

O termo “enunciado” é empregado, neste estudo, em referência a porções do texto conversacional, de tamanho variável e com contorno entonacional normalmente limitado por uma

<sup>4</sup> Em Salvador, o Projeto NURC adotou regras de transcrição que divergem daquelas adotadas nas outras capitais.

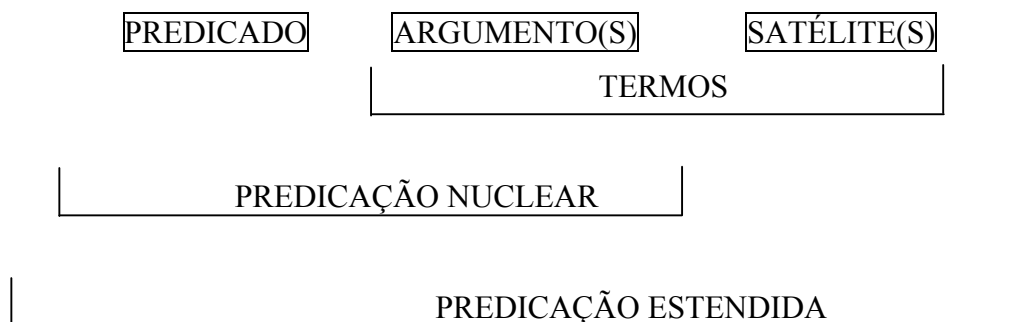
entonação descendente seguida de pausa (que pode variar quanto à duração), chamada neste estudo de “pausa de final de frase”. Consideramos, ainda, que embora um enunciado seja comunicativamente eficiente, seu conteúdo pode ser ou não expresso com uma configuração sintática canônica, ou seja, com as funções sintáticas preenchidas. É preciso enfatizar, ainda, que, apesar de a investigação aqui realizada ter analisado *enunciados*, ela foi norteada pela convicção de que “a gramática é ativada no cumprimento de determinadas funções” (NEVES, 1996, p. 54), e que os enunciados desempenham um papel componencial, “co-operando” na formação de uma unidade maior – o texto.

Adotamos, aqui, a proposta funcionalista de constituição dos enunciados em camadas (DIK, 1989; 1997; DIK et al., 1990; HENGEVELD, 1989), segundo a qual os enunciados se organizam primeiramente a partir da aplicação de um predicado a um certo número de termos (argumentos), designando propriedades desses termos, ou relações entre eles.

Uma vez que um predicado tenha selecionado seus argumentos, forma-se assim uma *predicação nuclear*, que pode ser semanticamente interpretada como a designação linguística e cognitiva dos estados-de-coisas, ou, em outras palavras, como uma codificação linguística do falante em relação a uma dada realidade.

Essa predicação nuclear pode ser estendida por meio de outro tipo de termos – os *satélites* – cuja função é a de acrescentar propriedades ao estado-de-coisas nuclear. A predicação nuclear acrescentada por satélite(s) é agora chamada *predicação estendida*.

Essa proposta pode ser esquematizada conforme o seguinte modelo:



Distinguem-se, então, nessa proposta, termos que são *argumentos* de termos que são *satélites*. Enquanto os argumentos são termos que designam entidades em algum mundo e são exigidos pela semântica do predicado, os satélites são constituintes que não participam da definição do estado-de-coisas em si, mas fornecem informações adicionais sobre o estado-de-coisas como um todo, a exemplo de alocação temporal ou espacial dos estados-de-coisas, razão ou causa dos estados-de-coisas, ou outras informações adicionais. Desse modo, satélites são acréscimos opcionais para a informação contida na predicação nuclear.

### 3. Configurações gramaticais das construções adverbiais

Uma construção adverbial tem como configuração gramatical prototípica a de uma oração nuclear relacionada a outra oração, cuja função é a de “encarecer” (qualificar) a nuclear, pela

atribuição de dados circunstanciais. *Encarecimento*, então, deve ser entendido como o recurso pelo qual uma oração “qualifica” outra, no sentido de acrescentar-lhe satélites adverbiais diversos (HALLIDAY, 1985; MATHIESSEN E THOMPSON, 1988).

Não obstante serem “altamente sensíveis às determinações do discurso” (NEVES, 1997), os satélites adverbiais são termos opcionais. Sendo opcionais, que fatores, então, favoreceriam o seu aparecimento? De que maneira os satélites adverbiais são configurados, no discurso? E em que medida essas configurações contribuem para a dinâmica da interação, visando à construção dos sentidos?

No texto conversacional, as construções adverbiais podem apresentar-se em variadas configurações gramaticais, as quais passaremos a analisar.

### 3.1. Quanto ao padrão entonacional

Em relação ao padrão entonacional, as construções adverbiais podem ser codificadas em um mesmo contorno entonacional, como em (3) e (4):

(3)  
 agora... é engraçado que você saindo do Brasil... a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras↓...eu falo muito em verduras **porque justamente é a base da minha alimentação entende?** (DID 328/RJ)

(4)  
 L1 - [...] hoje por exemplo se encontra dentro do próprio gabinete do reitor... inúmeras vezes... já vi professores e eu mesmo já fui... em/ vestido esporte até sem casaco↓ em mangas de camisa↓... a/ agora confesso que fiz isso com muito mais frequência **quando diretor da... do Instituto... do que hoje... como professor... porque eh acho que a minha autoridade antes quer dizer (me) podia me permitir isso**↓ (D2 291/POA)

ou em contornos entonacionais separados, como em (5) e (6):

(5)  
 Loc. - bom gente eu acho que: pra: começar eu teria que falar mais sobre: a parte assim de alimentação que diz respeito à minha pessoa né?... realmente eu tenho muito cuidado com esse problema de alimentação↓ **porque eu tenho uma facilidade eNORme pra engordar sabe?** ((risos)) (DID 328/RJ)

(6)  
 Loc. - eu achei↓... mas eu tive pouco tempo viu? com... com essa parte assim de balé eu... eu estudei mas não me apresentei quase nada↓... **apesar de gostar muito**↓... **ter gostado né?** ((risos)) (DID 234/SP)

Segundo Decat (1993, 1999), a ocorrência de construções adverbiais em contornos entonacionais separados, fenômeno ao qual ela chama de “desgarramento”, somente é possível

em “cláusulas que são opções de organização do discurso”, ou seja, nas orações não encaixadas (ou que não se constituem como argumentos), e ocorrem exatamente porque estas se configuram, cada uma por si, uma “unidade de informação” (CHAFE, 1980).

Quanto à função discursiva das “estruturas desgarradas”, Decat (2011, p. 132) conclui que “o desgarramento [é] um recurso sintático que serve à estratégia de focalização, ao lado da topicalização e da clivagem.”

Outros autores têm-se referido aos casos em que construções adverbiais aparecem como fragmentos de texto inseridos após uma pausa de final de frase (ou em contornos entonacionais separados) como “adendos”, termo traduzido do inglês “*afterthoughts*”.

Chafe (1984) interpreta os satélites-adendos como uma evidência de que, no momento da elaboração do enunciado, o falante não planejou incluir um satélite, mas optou por inclui-lo em um momento posterior à elaboração.

Ford (1993) argumenta que, além de representar, do lado do falante, aspectos do planejamento de sua fala, os adendos na forma de satélites adverbiais são também produtos da negociação entre falante e ouvinte, com objetivos interacionais bem definidos. Para a autora, há determinados contextos conversacionais nos quais a elaboração adverbial em unidades entonacionais separadas corresponde a estratégias do falante ou para a manutenção do turno, ou para responder a algum sinal do interlocutor (descrédito, falta de compreensão, etc.), ou para conseguir alguma resposta do ouvinte. Além disso, a autora observa, ainda, que há contextos nos quais satélites adverbiais em contornos entonacionais separados não funcionam simplesmente como adendos, mas como ações *deliberadamente* empregadas pelo falante, com significado interacional associado.

Dentre os dados analisados, os satélites causais são os que mais frequentemente aparecem como adendos. Isso se deve, principalmente, ao fato de os satélites causais serem os preferencialmente selecionados para desempenhar funções de explicação e justificativa, que representam a maior parte do material adicionado.

É importante salientar que satélites adverbiais posicionados após pausas com entonação descendente são, em termos interacionais, novas unidades de fala. Do lado do falante, a inserção desse tipo de satélite revela que ele sente necessidade de continuar um enunciado que parecia completo, pelo acréscimo de alguma qualificação ou elaboração. Essa necessidade pode ser sentida ou pela avaliação permanente que faz o falante durante a conversação, ou por pistas fornecidas pelo interlocutor (incompreensão, discordância, etc.).

É importante lembrar que, na conversação, sempre que um enunciado é apresentado como gramatical e entonacionalmente completo, é esse o ponto ideal para ocorrerem as trocas de turno. Com frequência, o interlocutor nem chega a inserir um novo turno. Normalmente, esboça alguma reação em relação ao que foi apresentado pelo falante, ainda que seja um simples gesto, ou a introdução de um marcador de compreensão ou de assentimento.

Assim, quando o falante, em vez de passar o turno, acrescenta novos elementos ao seu próprio enunciado, depois de dá-lo como completo, na forma de satélites-adendos, isso significa que, do lado do ouvinte, há uma espécie de concessão, pela qual ele concorda em calar, a fim de que o mesmo falante mantenha seu turno e acrescente a nova unidade de fala. Ford (1993) considera, então, que cada ponto da conversação em que um enunciado foi completado, gramatical e entonacionalmente, é um ponto para a negociação sobre quem falará em seguida.

Os dados analisados evidenciam que há pelo menos duas motivações principais para a inclusão de satélites adverbiais na forma de adendos:

- (a) comentários e/ou sinalizações por parte do ouvinte (adendos heteromotivados), como ocorre em (7), em que L1 insere um adendo na forma de satélite causal para responder à intervenção de L2.

(7)

L2 - [...] então eu procuro levantar mais cedo o menino detesta escola↓... então::... ele acor::da... e te pergunta do quarto dele se tem aula↓... se TEM AULA (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo”↓... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar”↓ ... ((risos)) aí levan::tam

L1 -

L2 - é tudo sem problema↓...

L1 - ahn

L2 - isso com cinco anos heim? calcula o que que me espera mais tarde↓... ((risos)) (quer dizer o que espera por ele)... que a alternativa que a gente dá para ele é se não quiser ir à escola então vai trabalhar↓... mas trabalhar o dia inteiro↓ que é como o pai↓...

L1 - coitado cinco [anos

L2 - [é

L1 - e já... colocado assim nessa alternativa [não?

L2 -

**porque:: já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for** eu não sei realmente eu chego na/ eu fico:: indecisa porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai... eu estou criando um precedente muito sério↓... (D2 360/SP)

- (b) avaliações do falante sobre o seu próprio discurso (adendos automotivados), como em (8), abaixo, que mostra a inserção de um adendo concessivo pela locutora, com o propósito de proteger sua imagem e não parecer, para sua interlocutora, uma pessoa alienada, que nada sabe sobre o aumento dos preços dos alimentos.

(8)

Loc.- agora realmente... você tava conversando comigo no início sobre essa parte de preços... eu pouco posso dizer porque: aqui em casa como nós temos empregada... ela que faz a feira junto com a minha tia e:: normalmente eu não tô assim muito por dentro dos preços dos alimentos↓... **embora eu... ouço minha tia às vezes falar que está tudo muito ca:ro...** sei que de uma semana pra outra a/ os legumes aumentam na... na fei/ na feira... os preços aumentam... as verdu:ras... aumentam as frutas... fruta é outra coisa que eu como muito também sabe? (DID 328/RJ)



Observando a possibilidade de ocorrências de enunciados paratáticos após uma pausa, Neves (1991) propõe que essa pausa seja chamada de “pausa dramática”, uma vez que ela

[...] tem efeito no drama da linguagem. Indica um encerramento que, afinal, não se efetua e, assim, o acréscimo [da segunda oração à primeira] tem efeito dramático. Esse acréscimo é diferenciado, marcando-se mais diretamente uma intervenção do sujeito da enunciação no enunciado: o inesperado da sequência após a pausa chama a atenção para o próprio fato de haver sequência. (NEVES, 1991, p.220)

Esse efeito de pausa dramática mencionado por Neves (1991) em relação a enunciados paratáticos é igualmente válido para as construções adverbiais.

### 3.2. Quanto à presença/ausência de elemento conectivo

No que se refere à explicitude da relação semântica, as construções adverbiais podem apresentar-se com ou sem elemento conectivo. Essas possibilidades estão exemplificadas, respectivamente, nas ocorrências (9) e (10), abaixo.

(9)

L1 - lá [na Suécia] os velhos também não produzem↓... **porque** eles têm que ceder o lugar para que um outro um outro um jovem entre↓... (D2 355/RJ)

(10)

L1 - por sinal que na: última vez minha mulher quase quase...

Doc. - fi [ca↓...

L1 - [fica↓... porque... minha mulher tem mania de viajar... com uma faquinha pra descascar maçã: laranja ( ) ela só anda com aquela faquinha↓...

L2 - ((rindo)) PÉssimo↓... péssimas manias [principalmente hoje em dia não é?

L1 - [só anda com aquela faquinha não adianta↓  
**ela saiu pra viajar** a faquinha dela vai↓... então a moça olhou olhou e disse “olhe... a senhora vai passar mas tenha cuidado porque se a faquinha aumentar de tamanho... ((rindo)) a senhora não viaja”↓ (D2 98/SSA)

A análise da presença ou ausência de elemento conectivo revela que, contrariamente ao que ainda acreditam diversos professores de língua portuguesa – e, por isso, adotam como prática exigir que seus alunos memorizem listas de conjunções –, não é exclusivamente do conectivo que depende a instauração de uma relação de natureza adverbial. Mas isso não significa que um elemento conectivo tem papel irrelevante. Obviamente sua presença cumpre a função de explicitar, ou evidenciar a relação semântica pretendida pelo locutor. Porém, seu papel não é o de *gerar* essa relação.

Analisando a ocorrência de construções adverbiais sem conectivos, podemos dizer que, do lado da recepção de enunciados assim codificados, ou seja, do lado do ouvinte/leitor, essa

estratégia exige um maior trabalho cognitivo, pois, ficando implícitas as relações, o nível de inferenciamento para decodificá-las certamente é maior.

Construções adverbiais podem configurar-se, ainda, sem elemento conectivo formal, quando se apresentam em uma das chamadas “formas nominais”, como mostram as ocorrências (11) e (12) do texto conversacional analisado.

(11)

L. - [...] seria a natação o melhor exercício para a criança↓... ainda mais criança que tem problemas respiratórios↓... agora **não tendo a natação**... qualquer outro tipo de: futebo:l de basque:te... ah até da guerra... essa simples guerra... que a criança joga não é?

Doc. - hum hum↓...

L. - é o esporte↓ viu? que é válido↓ [...] (DID 231/SSA)

(12)

L1 - precisa praticar esporte? precisa↓... precisa é necessário é fun::/ é fundamental o esporte né? ainda mais nessa fase de adolescência↓... ma::s... ele... eu tenho::... certeza de que ele... **ao entrar no colegial**... e pensando num colegial... profissionalizante que tenha aquilo que o atraia que são as máquinas ele vai se esquecer da outra profissão que ele pretende ter sabe? (D2 360/SP)

É consensual, nas abordagens tradicionais, a ideia de que as chamadas “orações reduzidas” equivalem a uma variação estilística das correspondentes “desenvolvidas”. No entanto, conforme demonstra Ferrari (1999), há contextos em que essa suposta equivalência não é possível.

Sobre as construções adverbiais codificadas por gerúndio, Braga (1995, 1996) observa que elas propiciam uma “leitura ambígua”, suscitando dúvidas no que diz respeito à identificação do tipo de relação instaurada entre as orações. Aqui, considera-se que esse tipo de construção funciona, no discurso, como uma estratégia de que dispõe o falante para possibilitar mais de uma interpretação ao seu texto, sendo, assim, uma opção a mais para ele. Neste caso, então, a ambiguidade é não apenas consentida pelo produtor do texto, mas *desejada*. No *corpus* sob análise, há evidências, por exemplo, de que as adverbiais reduzidas de infinitivo são a opção mais frequentemente selecionada para configurar as relações semânticas de finalidade (ou propósito).

Além disso, observou-se que as orações adverbiais “reduzidas” podem apresentar-se com diferentes graus de entrelaçamento sintático, o que faz que se aproximem ou se distanciem da construção adverbial prototípica. Vejam-se, a esse respeito, as ocorrências (13) e (14), apresentadas a seguir.

(13)

agora... é engraçado que **você saindo do Brasil**... a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras↓...eu falo muito em verduras porque justamente é a base da minha alimentação entende?... (DID 328/RJ)

(14)

Doc. - [...] o que é que a gente tem em uma escola né? das coisas menores assim... ou na escola ou numa faculdade né?... o hospital é meio ((rindo)) complicado pra você descrever↓...

L. - hum hum↓ bom eu acho que pra ter escola é preciso primeiro ter alunos e professores né?...

Doc. - certo↓...

L. - porque em qualquer lugar a gente pode fazer uma escola não é? **tendo alunos e professores**↓... (DID 231/SSA)

Na ocorrência (13), a “construção gerundial” (FERRARI, 1999) *you are leaving Brazil* é caracterizada pela presença de um sujeito explícito, que é retomado na oração seguinte na forma *a gente*. Assim, ao mesmo tempo em que propicia a interpretação de uma circunstância temporal em relação à oração seguinte (*a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras*), ela é encaixada na oração anterior (*é engraçado*), exercendo nesta (juntamente com a outra oração) uma função subjetiva.

Na ocorrência (14), observa-se um grau bem maior de independência da reduzida, principalmente por apresentar-se após um marcador interrogativo, usado geralmente na finalização dos enunciados (*não é?*). Neste caso, a reduzida de gerúndio, ao ser acrescentada, à maneira de um *afterthought*, instaura com o segmento anterior uma relação condicional.

### 3.3. Quanto à posição

Vários trabalhos publicados sobre as construções adverbiais analisam-nas a partir do critério “posição”, normalmente relacionando-o ao fluxo de informação. Sabe-se que a oração adverbial pode apresentar-se anteposta ou posposta em relação à oração nuclear, e, segundo a orientação funcionalista, a escolha de uma ordem ou de outra não é uma questão simplesmente de preferência individual ou estilística, mas pode ser explicada por motivações de natureza interacional.

A alteração da ordem, eficiente recurso para a obtenção de diferentes efeitos de sentido, é explicada pela gramática tradicional como uma escolha motivada meramente por razões “expressivas”, sem precisar-se bem o que esse termo significa. Mas um dos postulados funcionalistas básicos, assentado há bastante tempo, é o de que razões de ordem funcional-discursiva têm prevalência sobre razões de ordem sintática na escolha da posição dos constituintes nos enunciados (DANEŠ, 1967, *apud* KOCH, 1999, p. 43). Na esteira desse postulado, muitos autores dedicaram-se à investigação dos efeitos que a ordem (posição, colocação) dos constituintes, nos enunciados, teria sobre a organização da informação, de modo que, a respeito desse tema, há uma grande quantidade de trabalhos já publicados.

Gryner, Paiva e Braga (1994), por exemplo, relacionam a ordenação de orações adverbiais (causais, temporais e condicionais) ao estatuto informacional, e afirmam que a organização das “cláusulas” e dos “períodos” relaciona-se ao modo como os elementos linguísticos presentes nessas unidades contribuem para o desenvolvimento do discurso. Segundo as autoras:

elementos com peso comunicativo diferente tendem a ocupar posições diferentes na cadeia sintagmática, de forma a levar em conta as necessidades comunicativas do falante e do ouvinte. Assim, unidades linguísticas de pouco peso comunicativo são preferencialmente antepostas, enquanto aquelas que fazem avançar o discurso pelo acréscimo de novas informações tendem a ocupar a segunda posição. (GRYNER, PAIVA e BRAGA, 1994, p. 140)

No que se refere especificamente às construções adverbiais, a conclusão a que chegam as autoras é que uma oração adverbial é posta antes de sua nuclear sempre que codificar informação velha, e posta após a nuclear se a informação codificada for nova.

Na opinião de Neves (2001), quando um satélite é posteriormente acrescentado, é ele que apresenta a “informação saliente”, uma vez que, se não fosse uma informação relevante, não se justificaria o seu acréscimo. Na organização do discurso, a decisão quanto à posição desse satélite certamente leva em conta o peso informativo que ele tem, considerados os propósitos comunicativos do falante.

Não se pode deixar de considerar, entretanto, que a instantaneidade do planejamento, no texto falado, afeta a organização dos enunciados, de modo que, muitas vezes, é difícil, para o pesquisador, deter-se apenas nos critérios de dado/novo ou Tema/Rema para analisar a distribuição das orações nos enunciados complexos.

Para as construções causais, por exemplo, a análise dos dados revela que a ordem preferencial dos satélites causais introduzidos por *porque*, *que* e *pois* é após a oração nuclear, e, de fato, esses satélites, quando pospostos, tendem a veicular a informação nova, como se vê na ocorrência (15), em que o locutor responde negativamente a uma pergunta direta do documentador, e acrescenta, como informação nova, a justificativa para sua resposta, na forma de um satélite causal.

(15)

Doc. - e tu acha que o rádio a pilha tem alguma desvantagem em relação ao outro?

Loc. - não eu acho que não inclusive eu acho que tem mais vantagem **porque** a gente pode levar em qualquer lugar↓... se a gente é muito fanática leva em qualquer lugar ((ri)) (DID 121/POA)

Mas nem todos os satélites causais têm a posposição como ordem preferencial. Nos dados analisados, 100% das ocorrências com *como* foram antepostas<sup>5</sup>, como se vê em (16), abaixo.

(16)

Loc. - agora realmente... você tava conversando comigo no início sobre essa parte de preços... eu pouco posso dizer porque: aqui em casa **como nós temos empregada**... ela que faz a feira junto com a minha tia e:: normalmente eu não tô assim muito por dentro dos preços dos alimentos↓ (DID 328/RJ)

<sup>5</sup> Neves (2000) procedeu a um estudo aprofundado do funcionamento da conjunção *como*, em comparação ao da conjunção *porque*.

### 3.4. Quanto à autoria

No que se refere à composição dos enunciados em que figuram construções adverbiais, é interessante observar que eles podem ser de autoria do locutor apenas, ou podem ser construídos por ambos os interlocutores, durante a conversação, como mostra a ocorrência (17), abaixo.

(17)

L1 - agora talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde↓... não seria conveniente mudá-lo de período escolar?

L2 - mas por que que os dias que não tem aula ele acorda cedo?... [e sempre foi assim↓...]

L1 -

malandragem [dele↓...]

L2 - [é↓... e outra coisa eles estão na escola de manhã provocado por alguma coisa porque **como eu trabalho de manhã**

**L1 - certo você teve que adaptar o horário deles:...**

L2 - é... aliás [eles já é]

**L1 - [ao seu↓...]**

L2 - ele já ia à escola da manhã↓ que eu comecei quando eu comecei trabalhar... comecei a trabalhar há dois anos↓... só↓ antes eu não trabalhava↓ e quer dizer então que... ele já ia à escola de manhã porque eles dormem sete sete e meia e acordam seis e meia↓... é o horário normal deles↓... (D2 360/SP)

Nessa ocorrência (17), vê-se que os segmentos destacados resultam de coautoria: L1 inicia o enunciado com a oração adverbial indicativa de causa (*como eu trabalho de manhã*), e L2 a interrompe para completá-lo com a oração nuclear (*você teve que adaptar o horário deles ao seu*).

A análise da dinâmica da interação verbal face a face revela que essa possibilidade de coautoria na construção dos enunciados complexos reflete o alto grau de envolvimento a que a conversação obriga os participantes. Do lado cognitivo, ela configura-se como uma evidência de que o ouvinte não é um mero receptor passivo das expressões linguísticas do falante, mas realiza, mesmo quando permanece calado, um intenso trabalho mental que envolve não apenas processos como antecipações, pressuposições, inferências, etc., mas também complementações de natureza sintática.

Ademais, a coautoria também funciona no texto conversacional para indicar cumplicidade em relação ao conteúdo da conversação, e aparece ainda em segmentos nos quais L1 ou L2 sente necessidade de explicar algum ponto que pode ter ficado mal compreendido pelo(s) interlocutor(es), como na ocorrência (18), a seguir.

(18)

Doc. - e aqui no Rio de Janeiro desde o... de algum tempo pra cá a cidade a população tá toda agitada com...

L2 - com quê?...

Doc. - com o imposto e... ((3s)) com auMENTos de [impostos...

L1 - [não sei porque que a cada vez ué/  
sei sim↓...

L2 - com o imposto predial↓...

L1 - [e a cada vez ( ) predial ( )

Doc. - [que outros... e outro tipo de... de...

**L1 - ah imposto de li:xo de não sei quê taxa de lixo e coisa que cada**

**[vez...**

**L2 - [porque eles fazem a diferença entre imposto... taxa... e: tem uma outra  
palavra aí é::... imposto taxa... tem um outro termo que eles usam↓... (D2 355/RJ)**

Na ocorrência (18), L1 usa expressões diferentes para tipos de impostos diferentes (*imposto predial* e *taxa de lixo*). L2, então, introduz uma construção de valor adverbial para explicar à documentadora por que L1 usou termos diferentes em referência a um mesmo tema (impostos).

Fávero e Aquino (2002), analisando conversas entre três participantes (triádicas), defendem que esse tipo de evento comunicativo é muito diferente da conversa diádica. As principais diferenças residem no fato de, nas conversas triádicas, as regras serem menos fixas em relação às trocas de turnos, de modo que um dos participantes tem mais liberdade de silenciar por um período maior, sem que seu silêncio represente uma ameaça em potencial para o prosseguimento da conversação. Havendo, então, menos “pressão” no trílogo, ele é “menos constrangedor” do que a conversa diádica. Por outro lado, afirmam as autoras, as conversas triádicas são “mais conflituais” (FÁVERO e AQUINO, 2002, p. 161), no sentido de que há maior concorrência pela posição de falante.

Na análise aqui realizada, não foram investigadas as características típicas das conversas triádicas apontadas por Fávero e Aquino (2002). No entanto, o que se pode perceber, com muita clareza, é que, em alguns momentos dos textos conversacionais analisados, a figura do documentador é essencial para a progressão tópica, já que muitos segmentos (principalmente explicativos) inseridos pelos informantes demonstram uma preocupação no sentido de o documentador compreender as informações fornecidas por eles.

Pode ocorrer coautoria, ainda, quando o interlocutor acrescenta uma construção adverbial a um enunciado já encerrado pelo locutor. Esses acréscimos por parte do interlocutor, geralmente, refletem um posicionamento seu em relação ao enunciado que o locutor considerou encerrado, e não raro introduzem um novo tema, ou um novo subtema. Vejam-se, a esse respeito, as ocorrências (19) e (20), apresentadas a seguir.

(19)

L2 - [...] você não acredita em demônio né [ E.?

L1 - não não é isso nã/ ah aí a questão não é de acreditar ou de não acreditar↓... o fato é que o demônio tá na moda↓...

L2 - **apesar... de QUase ninguém acreditar nele**↓ (D2 005/REC)

(20)

Doc. - a gente espera que vocês conversem... dialoguem↓...

L1 - não mas vocês vão puxar que ( ) nós não vamos falar nada↓... ((risos))

L2 - **porque conversa encomendada é uma miséria**↓... ((risos))

L1 - [ ( ) fica PÉssima não é?

Doc. - [ pois é↓ então... a gente puxa se for necessário↓ agora... tanto quanto possível vocês esquecem a gente e falam assim um com o outro↓... (D2 98/SSA)

Os dados revelam, ainda, outra motivação para a construção conjunta de enunciados em que há construções adverbiais. Esse tipo de construção é empregado quando o interlocutor decide correr o risco de revelar as antecipações a que vinha procedendo durante o discurso do locutor, certamente querendo, dessa maneira, demonstrar envolvimento.

Na ocorrência (21), abaixo, por exemplo, L1 arriscou introduzir a causa do que L1 enunciara, mas sua tentativa foi rejeitada por L1.

(21)

L1 - o::: sexo na Suécia todo mundo fala normalmente [ não tem problema

L2 - não tem problema...

L1 - discute-se em ca::sa da da:s... das filhas... [( ampla) atividade sexual ( )

L2 - [ fala das filhas da mãe da tia ( )

L1 - de meninas de doze quinze anos não tem problema↓... mas falou/ eu tenho um amigo meu francês que foi... e ele queria comprar uma garrafa de vinho... pra levar pra uma... um um... um jantar que ia↓... diz que todo mundo que ele perguntava na rua... dizia perguntava “senhor onde é que eu posso comprar bebida alcoólica ou comprar vinho?” as pessoas olhavam para ele como se ele estivesse perguntando “onde é que tem um bordel aqui nessa rua?” ((risos))... e era justamente o problema que é o problema do se/ do do sexo não é tabu mas em compensação a bebida alcoólica é uma coisa horrível↓... e SEXta e SÁbado... o que você vê de gente bêbada caída pela rua...

L1 - **porque... eh... ah... a bebida é liberada**↓...

L2 - não↓ não é liberado↓ eh ao meio-dia... fecham todas as lojas de de vendas de bebida↓... se você não compra até o meio-dia... você só vai poder comprar bebida outra vez na segunda-feira↓... então no sábado ah o pessoal às... à:: uma hora dá meio dia que é onze e meia...

L2 - ( )

L1 - o que você vê de gente correndo pela rua pra entrar por aquelas lojas fazer fila pra comprar as coisas é um negócio desesperante↓... (D2 355/RJ)

### 3.5. Ausência da oração nuclear

A configuração prototípica dos enunciados que contêm construções adverbiais é a de uma oração nuclear acompanhada de outra, que a qualifica. No entanto, no texto conversacional, é possível o aparecimento de uma oração adverbial sozinha, isto é, não atrelada a nenhuma oração nuclear expressa textualmente. É o que se observa, por exemplo, na ocorrência (22), abaixo.

(22)

Loc. - não existe cobra-de-duas-cabeças↓... o que há... são certos vermes... ginofrontes... minhocões... que... parecem ter duas cabeças↓... mas é IMpossível a gente/ áh: **se a gente souber usar essa palavra impossível** raramente né? impoSSÍvel uma cobra... eu já disse que é um ofídio importantíssimo ter duas cabeças↓ (DID 216/RE)

Decat (1999), ancorada na noção de *idea unit* (CHAFE, 1980), expressão que a autora traduz como “unidade informacional”, conclui que essa possibilidade de uma oração adverbial configurar-se sem a nuclear só ocorre com “cláusulas” que constituem unidades informacionais, ou seja, orações que, por si mesmas, funcionam no discurso como um enunciado completo.

Em estudo sobre as orações adverbiais sem matriz, Lima (2004) defende que a possibilidade de uma oração adverbial ocorrer e funcionar no discurso sem a nuclear é mais frequente do que se supõe, tanto em textos escritos como em textos falados. Para essa autora, “a oração adverbial desatrelada de uma matriz representa uma possibilidade de configuração que modifica seu estatuto de ‘subordinada’, tendo, por isso mesmo, grande relevância interacional.” (LIMA, 2004, p. 56)

No que se refere às funções textual-discursivas dessas configurações, Lima (2004) conclui que

a ocorrência de construções adverbiais desatreladas de uma oração matriz, quer em textos orais quer em textos escritos, configura-se como um recurso discursivo a partir do qual o locutor ‘obriga’ seu interlocutor a envolver-se mais na situação interativa, cooperando para a produção dos sentidos. (LIMA, 2004, p. 60)

Há, no *corpus* que serviu de fonte de pesquisa para este trabalho, diversas construções adverbiais configuradas sem as suas ‘orações principais’, o que comprova que esse é um fenômeno relativamente frequente na conversação face a face.

### 3.6. Satélites de satélites

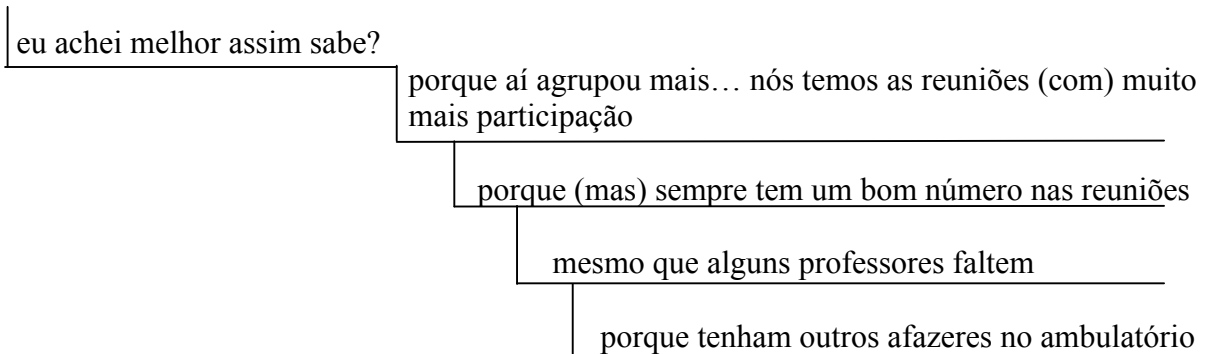
Uma oração adverbial pode qualificar outra adverbial, dando origem a variados níveis hierárquicos na cadeia sintática. Há diversos exemplos de “satélites de satélites” no *corpus* analisado, e essas configurações podem estender-se até o ponto de formarem-se “relações em cadeia”, em que várias orações adverbiais são construídas, algumas vezes interligadas por conectivos coordenativos. É o que observamos, por exemplo, na ocorrência (23), abaixo.



(23)

Loc. - eu achei melhor assim↓ sabe? **porque** aí eh... agruPOU... mais... nós temos as reuniões... MUIto mais... participação... **porque mesmo que** alguns professores faltem **porque** tenham outros... outros afazeres no ambulatório... mas sempre tem um bom número nas reuniões os casos são discutidos então um caso de Dermatologia entra um clínico pra discutir entra um neurologista entra um... entendeu? então ele agrupando ficou muito melhor pra a gente do que como era MUIto... separado↓ (DID 231/ SSA)

Os níveis hierárquicos das orações que compõem o segmento apresentado na ocorrência (23) podem ser representados da seguinte maneira:



Veja-se outro exemplo dessa configuração, na ocorrência (24), a seguir.

(24)

Loc. - [...] mas acho: válida você botar a criança o mais cedo possível na escola↓... esse problema de puxar pela criança “ah não deve puxar pela criança”... eu acho que isso não... funciona muito **porque** a criança vai à maternal somente **pra** brincar... ser educada aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes não tem condições de ensinar... **como** eu não tinha condições de ensinar MUIta coisa a ela **porque** eu m/ passo o dia inteiro na rua trabalhando... então ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar... a ela↓ (DID 231/SSA)

Nessa ocorrência, os enunciados são entrelaçados por relações diversas, cuja organização pode ser representada da seguinte maneira:



Ocorrências de satélites de satélites trazem à tona a questão do estatuto sintático das orações nucleares, em comparação com os satélites. Isso porque, se um satélite representa material adicionado e opção organizacional, o que dizer de ele ser a um só tempo satélite de um núcleo e núcleo de um satélite?

Há evidências empíricas de que o encadeamento de muitas relações, na conversação, não é um fenômeno frequente. Essa baixa frequência deve-se, provavelmente, ao maior trabalho cognitivo que os encadeamentos exigem do falante e, principalmente, do ouvinte. No que diz respeito à interação, satélites de satélites são pouco produtivos, certamente porque requerem, do ouvinte, uma maior capacidade de memória, para que ele seja capaz de processar cognitivamente configurações com esse grau de complexidade.

Em síntese, as diferentes configurações gramaticais analisadas neste estudo, com suas várias particularidades, fazem das construções adverbiais um fenômeno complexo e intrigante.

### Considerações finais

Este trabalho é resultado de pesquisa que tomou como objeto de investigação as construções adverbiais. Pretendemos, aqui, averiguar o papel das diversas configurações por

meio das quais as relações adverbiais se manifestam na interação, representada, neste estudo, pela conversação face a face.

Subjaz a este trabalho a concepção de que o que na verdade se deseja com a atividade linguística é produzir *sentidos*. E, para esse fim, faz-se necessário que todos os participantes do evento comunicativo tenham o domínio não apenas das regras do sistema linguístico, mas também das regras sociopragmáticas que estão atreladas a todas as situações de interação. Nesse contexto, as expressões linguísticas são mediadoras entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte, o que equivale a afirmar que, embora as expressões linguísticas tenham o potencial de produzir os sentidos pretendidos, quando envolvidas na situação comunicativa, elas não podem ser descritas fora de um quadro geral da interação.

No que se refere à construção de enunciados complexos, podemos dizer que os diferentes modos pelos quais o falante combina as orações não são governados prioritariamente pelo sistema da língua – aquele “núcleo rígido” que impõe restrições semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas –, mas situam-se no campo das escolhas, fazendo parte da “competência comunicativa” do falante.

Os principais autores que embasaram este estudo (MATHIESSEN e THOMPSON, 1988; DIK, 1989; 1997) interpretam a construção adverbial como um satélite, sendo, portanto, opcional. Apesar de opcional, sua alta frequência nos dados analisados evidencia que ela é, para o falante, uma estratégia bastante produtiva na obtenção de determinados efeitos de sentido.

Gramaticalmente, então, uma construção adverbial se configura como a inter-relação entre uma oração nuclear e uma oração satélite, inter-relação que é – normalmente, mas não obrigatoriamente – introduzida por um conectivo. A ocorrência de construções adverbiais sem conectivo explícito requer que se recorra a dados não estruturais para o reconhecimento das diversas relações configuradas. E, discursivamente, uma construção adverbial se configura como um dos mecanismos que o falante pode empregar para articular duas ou mais orações, de tal modo que dessa articulação se possa depreender um sentido, que não representa simplesmente a soma dos sentidos de cada oração em particular.

Contrariamente à visão tradicional, na qual subjaz a ideia de que os valores semânticos são dados como pré-existentes à interação, a análise aqui realizada evidenciou que a “bagagem semântica” resultante do inter-relacionamento entre um núcleo e um satélite não existe *a priori*, mas é gerada na situação interativa (e a partir dela), quando falante e ouvinte constroem conjuntamente o texto conversacional.

A análise comprovou, ainda, que a opção pelo emprego de uma das configurações da construção adverbial tem a função de atender aos propósitos comunicativos do falante, propósitos esses que surgem no curso da conversação. Fica, então, evidenciado que é na interação, afinal, que se encontram as motivações para a ocorrência das construções adverbiais e para a seleção de uma de suas variadas configurações.

### **Grammatical configurations of adverbial constructions in conversation**

ABSTRACT: Based on functionalist assumptions (HALLIDAY, 1985; DIK, 1989), this paper presents the results of a research focusing on adverbial constructions. Its main aim is to present the grammatical configurations of these constructions, and discuss their different discursive roles in conversation. The data presented is constituted of 1,275 fragments which were selected and analyzed from a corpus of nine hours and fifty two minutes of recorded material.

The findings support the functionalist assumption that the ways through which the speaker combines his/her clauses are not primarily/exclusively governed by the language system. Instead, these ways may be considered as choices that are made by the speaker as part of his/her “communicative competence”.

Keywords: Portuguese language; Conversation; Adverbial constructions; Grammatical configurations.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, M. L. Cláusulas temporais no discurso oral. In: IV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, v.2, 1995, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, PB, 1995, p.1217-1223.

\_\_\_\_\_. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In.: KOCH, I. (Org.). *Gramática do português falado*. v. VI, Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 231-251.

CHAFE, W. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In.: CHAFE, W. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

\_\_\_\_\_. How people use adverbial clauses. In.: *The proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley Linguistics Society, 1984.

DECAT, M. B. N. *Leite com manga, morre! : Da hipotaxe adverbial do português em uso*. 1993. 287f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas), PUC, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n.4, p. 23-38, 1999.

\_\_\_\_\_. A função focalizadora de estruturas desgarradas no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In.: DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 113-135.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 1. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson - USA: Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Part 2. HENGEVELD, K. (Ed.). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIK, S. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In.: NUYTS, J. (Ed.) *Layers and levels of representation in language theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1990, p. 25-70.

FÁVERO, L.; AQUINO, Z. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In.: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 159-178.

FERRARI, L. Rede polissêmica e processos figurativos: o caso do gerúndio. In.: CAMPOS, O. (Org.). *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara, SP: Pós-Graduação em Letras, FCL - UNESP-Ar, 1999, p. 81-98.

FORD, C. *Grammar in interaction: Adverbial clauses in American English conversations*. Cambridge: University Press, 1993.

GRYNER, H.; PAIVA, M.C.; BRAGA, M.L. Status informacional e ordenação de cláusulas no português do Brasil. In: III CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 1994, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem, 1994, p. 138-146.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold Publishers, 1985.

HENGEVELD, K. Layers and operators in functional grammar. *Journal of Linguistics*, v.25, p. 127-157, 1989.

KOCH, I. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In.: NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado*. v. VII, São Paulo, Campinas: Humanitas/ FAPESP; Ed. da UNICAMP, 1999, p. 29-52.

LIMA, A. Funções textual-discursivas das ‘orações adverbiais’ sem matriz. *Revista Veredas*. Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 53-62, jan./dez. 2004.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In.: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

NEVES, M.H.M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 218-227, 1991.

\_\_\_\_\_. Teorias sintáticas e análises gramaticais. *Estudos Linguísticos*, Taubaté, v. XXV, p. 53-62, 1996.

\_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. O tratamento da articulação de orações. In.: NEVES, M.H.M. (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p. 55-66.

Data de envio: 30/09/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014